

## O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL.

DE

INSTRUCCÃO E RECREIO.

N.º 10.

## AGRICULTURA.

**DO TERRENO LAVRADIO.** — Ninguém por certo ignora que a terra é necessaria para a vegetação; que é ella a que offerece á planta um ponto d'apoio, e a sustem contra o impeto dos ventos, e a livra não poucas vezes dos funestos effeitos do gelo e degelo; e finalmente, que é no mesmo solo que os vegetaes encontram a humidade, e parte dos elementos que entram em sua composição. Não menos faceis de conceber se nos affiguram as vantagens que se podem alcançar com a noticia da composição, qualidades e classificação dos terrenos; quer se tracte de modificar suas propriedades phisicas, e de os adubar convenientemente; quer se cuide em apropriar ao solo aquellas culturas para que elle é mais natural e adequado, e em apreciar o valor relativo de cada chão, conforme as respectivas circumstancias climatericas e economicas; quer em fim se tenha em vista comprehender bem os preceitos e regras agronomicas, e applica-las a esta ou áquella localidade, a este ou áquelle clima. Á vista disto, talvez não seja fóra de proposito que comecemos por dizer alguma cousa a nossos agricultores, sobre objecto tão interessante.

**Composição do solo.** — O terreno lavradio, isto é, a camada ou camadas de terra susceptivel de producções vegetaes, é composto d'uma infinidade de elementos diver-

sos; predominando ora umas, ora outras substaneias; umas vezes, tornando-se muito notavel a falta desta, ou d'aquella; outras porêem, encontrando-se os elementos mais essenciaes, por assim dizer, em uma especie de equilibrio.

Da-se este ultimo caso, se a silica, a argila e a cal estão em certas proporções; de modo, que não só não falte no solo qualquer desses elementos mineraes, mas que todos elles se achem em quantidades determinadas, sem que alguma daquellas substaneias predomine a ponto de constituir o que se chama uma terra argilosa, calcarea ou arenosa. Pertencem áquella classe os terrenos a que ultimamente se tem dado o nome de *loams* — de que temos um excellent typographo no Roncal da Torre de Moncorvo.

Todavia vejamos primeiro, o que sejam aquelles elementos, e a sua importancia agrológica.

A *argila* compõe-se de silica e alumina em diferentes proporções, oxydo de ferro, cal, magnezia. Comtudo, na agricultura da-se quasi exclusivamente aquelle nome ás argilas mais ou menos *plasticas*; as que o não são, confundem-se em geral com as terras arenosas. A argila plastica, depois de humedecida com agoa, fórma uma especie de pasta ductil e cohesiva, que endurece e abre com o ar e com o fogo. A tenacidade das



terras argilosas e barrentas está na razão da alumina que contém: daqui procede a maior ou menor resistencia que encontram os instrumentos agrarios em semelhantes chãos, bem como o damno que nelles sofrem as plantas, e as excessivas despezas do seu fabrico, que fazem com que ás vezes seja preferível abandonar a sua cultura, mormente se á demasiada tenacidade do solo, acrescem de mais a mais circumstancias economicas pouco favoraveis. Quando porém se fazem queimar essas terras, a argila adquire propriedades mui diversas das que antes tinha; aquella, por exemplo, que até alli formava mais pasta com a agoa, depois de queimada perde esta qualidade, torna-se mais leve, menos tenaz, e passa a exercer na vegetação quasi o mesmo influxo que a silica pura. Finalmente os solos argilozos tem tambem a propriedade de reter grande copia d'agoa sem a deixar filtrar; o que offerece suas vantagens ou desvantagens, conforme a quantidade d'argila e impermeabilidade do terreno, condições hygrómetricas d'atmosfera, e natureza das plantas.

A *silica* é uma das substancias que os vegetaes absorvem pelas raizes, e á qual devem em parte a solidez. As mais das vezes, o terreno que se costuma denominar areento, não contém a silica naquelle estado de pureza em que se acha nas rochas de quartzo. As propriedades phisicas dos solos arenosos diversificam conforme em sua composição prepondera o seixo e saibro volumoso, ou uma arêa fina e impalpavel. Desta sorte, a arêa muito grossa não conserva nenhuma humidade, porque a agoa passa por ella como um crivo, — é absolutamente incapaz de tenacidade, e não oppõe o menor obstaculo ás ferramentas campestres; ao passo que a arêa siliciosa finissima já retem mais a humidade, é susceptivel d'alguma cohesão, e apega-se ainda que pouco aos instrumentos da cultura. Em these, a muita abundancia de silica se de um lado torna o solo de facil cultivo, por outra parte faz grande damno ás plantas cujas raizes não acham em terrenos taes, apoio solido e conveniente, e são descobertas pelos ventos impetuosos, e expostas ao sol e ás intemperies atmosfericas

— estragos que são ainda de maior consideração, quando o agricultor não póde dispor da agoa e estrumes precisos, para beneficiar semelhantes chãos.

O *carbonato de cal* é uma substancia que se acha abundantemente na natureza, e de baixo de muitas fórmas — marmore, pedra de cantaria, cre, &c. — Poucos serão os terrenos totalmente faltos do elemento calcareo, quando o não contenham em quantidade sufficiente para constituir um solo mais ou menos calcareo, ou quando mesmo não forme aquella substancia quasi inteiramente a camada superior das terras, como succede nos terrenos cretaceos. A terra calcarea no maior estado de pureza apresenta graves inconvenientes para o agricultor: 1.º em razão da sua cor branca, reflecte os raios do sol, não absorve o calor, produzindo-se ás vezes na superficie uma reverberação bastante funesta para a vegetação; 2.º absorve e retem muito a agoa, e depois de ensopada forma-se por cima uma especie de crusta espessa que intercepta o ar ás raizes dos vegetaes, e se oppõe ao seu completo desenvolvimento; 3.º estando humida e sobrevindo gelos, a agoa augmenta de volume, faz abrir e levantar o chão, e desarraigam as plantas; 4.º demanda tambem estrumes mais frequentes do que os outros solos. Comtudo tem estas terras a seu favor o serem mui facéis de amanho, por sua pouca ou nenhuma tenacidade, o que faz que algumas vezes não sejam completamente abandonadas. A applicação do calcareo aos terrenos argilosos e siliciosos, melhora-os consideravelmente, modifica a tenacidade e cohesão dos primeiros, e augmenta a consistencia dos segundos; e uns e outros se tornam aptos para darem excellentemente certas plantas, sem excepção das para que antes eram improprios, ou que pelo menos produziam mal.

Da-se o nome de *humus* á materia anegrada, que provém da putrefacção e decomposição das substancias organicas, expostas ao contacto do oxygeno atmosferico. E em attenção ao aspecto *terroso* daquelle residuo, costuma designar-se tambem pelo nome de *terragem* — *terreau* — e se divide em vegetal e animal, conforme procede de substan-



cias vegetaes ou animaes. O humus contém carbone, azote, hydrogenio, &c.; favorece e accelera o desenvolvimento dos vegetaes, em quanto lhes fornece o acido carbonico e o azote; e constitue indubitavelmente uma parte essencial dos bons solos. Não é porê m absorvido directamente pelas raizes das plantas, como se pensou, mas contribue para a nutrição destas, offerecendo-lhes uma fonte lenta e continua d'acido carbonico, que se vai dissolvendo na agoa, e penetrando no interior do vegetal.

Além disto, quasi todos os terrenos contém da mesma sorte o *oxydo de ferro*, ou, para melhor dizer, o ferro oxydado em diversos graus; o qual communica varias cores, mais ou menos escuras, ás terras em que entra em tal ou qual abundancia — augmentando-lhes por consequencia a faculdade de absorver o calor dos raios solares. Já se vê que isto ha de surtir bons ou maus effeitos, conforme as circumstancias locaes: n'um Paiz septentrional, e em solos naturalmente frios, a colorização das terras não pôde deixar de concorrer muito para a sua boa qualidade, em quanto as faz mais quentes, e contribue para que dê m melhores colheitas e mais temporas, do que dariam a não ser aquella circumstancia; mas em localidades meridionaes, e em chãos aridos, siliciosos, e faltos d'agoa, ha de succeder pelo contrario, e mais de uma vez será mister abandonar a cultura dessas terras, por excessivamente quentes e seccas. Parece que os oxydos de ferro possuem de mais disso a faculdade de attrahir e reter os gazes ammoniacaes; e por este lado, a sua presença nos terrenos é summamente interessante para a vegetação.

(Continua).

A. J.

#### HYGIENE, E SALUBRIDADE DA INFANCIA.

(Continuado de pag. 131).

Em quanto o infante anda sómente ao collo, ou permanece no berço, a vestidura que temos descripto é quanto basta; mas

passados os primeiros quatro mezes, poderá vestir-se-lhe uma camiza mais comprida, e sobre ella um vestido ou tunica mais ou menos espesso, segundo a estação o pedir. Os pés serão cobertos com umas meias de algodão, ou outro tecido leve; e quando chegar a calçar sapatos, que sejam compridos e largos. Apenas os meninos principiam a ter conhecimento, e a advertir de suas necessidades os que delles tratam, deve-se começar a vestir-lhe umas calcinhas abertas, e pegadas a um colete de mangas, que se aperte nas costas. Uma *bluza*, e um largo cinto, mas pouco apertado, formam para a infancia nesta idade um vestido muito engraçado e conveniente. Não lhe aperteis nunca lenço ao pescoco, e muito menos gravata, nem tambem ligas nas pernas; e empregai nos seus vestidos poucos ou nenhuns alfinetes, porque estes os podem ferir de muitos modos.

N'uma palavra desprezai os caprichos da moda, e os habitos nocivos; e não procureis vestidos para os infantes, senão para os abrigar do frio; tendo em vista, que se elles forem demasiadamente largos, não livrarão os meninos do frio; e se forem muito estreitos e apertados, hão de opprimi-los, dificultar-lhes os movimentos, e obstar ao natural desenvolvimento de seus órgãos, e ao exercicio regular das funcções dos mesmos. Estes ultimos inconvenientes são de muita mais gravidade, que os primeiros. Tambem a fórma ou feitio dos vestidos deve ser tal, que permita com facilidade o despi-los e vesti-los quando se quizer; e seu preço nunca tão elevado, que o receio de mancha-los ou perde-los, obste a que o infante se entregue livremente aos jogos e brinquedos da sua idade.

#### III.

##### Alimento.

O leite materno é para o infante o alimento por excellencia. Ha muitas conveniencias em que as mães amamentem seus filhos; praticando-o assim, evitam algumas molestias; além disto, o primeiro leite é muito soroso,



purga levemente os recém-nascidos, e vai-se tornando mais nutriente, á medida que decorre maior periodo de tempo, e o infante avança em idade. Quando as mãis entregam seus filhos a amas mercenarias, além d'outros inconvenientes fisicos e moraes, toda aquella ordem e disposição da natureza é ordinariamente alterada.

Não façais tomar aos infantes o leite em excesso, nem lhe deis de mamar só porque elles choram; se o estomago fôr sobrecarregado de alimento desembaraçar-se-há do excedente, pelo vomito, ou pela diarrhea, e se isto acontecer com frequencia, acabará, por determinar um estado morbido.

Quando o infante tem fome segue a ama com a vista, chora se ella se ausenta, leva os dedos á boca para os chupar, e se lhe apresentam o peito, toma-o com avidez, e alegria, e o comprime com suas delicadas mãos. Ao contrario, quando não tem fome, toma a peito com desdem e repugnancia, e deixa-o sem chorar, depois de haver tirado pouco leite.

Nas circumstancias ordinarias, o recém-nascido póde mamar em sua mãe passadas as primeiras cinco ou sete horas depois do parto: durante este tempo, se tanto fôr necessario, da-se-lhe a chupar uma boneca de panno de linho, ou esponja fina ensopada em agoa assucarada. Se o infante não evacuar a materia verde e fetida (meconio) contida no canal intestinal, será bom fazer-lhe tomar uma ou duas colheres de xarope de chicoria. O infante deve mamar quando tem fome, mas se a avidez ou outra causa o fizer engasgar ou suffocar, não lhe deveis bater nas costas, que é esse um costume pernicioso, deixai-o antes entregue a si mesmo, e elle se desembaraçará do seu encommo, quando não, chamai um facultativo. Fazei mediar o tempo de duas horas entre cada alimentação; é isto preciso para que o leite adquira os principios nutrientes, e a concentração, que lhe são proprios: tal intervallo porém póde, e deve augmentar-se no caso em que o infante tome já algum outro alimento mais que o leite. Até ao quarto ou quinto mez deve-se permittir ao infante o mamar tambem de noite, passado este

tempo, acostuma-lo-heis pouco a pouco a mamar sómente durante o dia. Em caso de molestia é-lhe necessaria abstinencia mais ou menos restricta.

O leite deve ser o unico alimento do infante até á idade de dois ou tres mezes: só passado este periodo, é que os dentes principiam ordinariamente a apparecer, e as forças digestivas a augmentar; condição esta essencial para, sem inconveniente grave, se poderem ministrar ao infante alimentos mais solidos. Deve principiar-se por dar-lhe umas papas pouco espessas, feitas com farinha de trigo levemente torrada no forno, e leite adoçado com assucar. Depois o creme ou sopa de pão, que podereis preparar, tomando pão bem cozido e secco, lançando-o de molho em agoa, fazendo ferver por algumas horas, e acrescentando com agoa quente, á medida que a massa engrossar; passai-a depois por um peneiro de cabello, e juntai-lhe um pouco de assucar, e algumas gottas d'agoa de flôr de laranjeira, ou de canella. O mesmo se póde fazer com o biscoito em lugar do pão. Tambem podereis dar-lhe uma sopa ou geleia, preparada com a secula de batatas, o arrow-root, o salepo, &c. Nas cidades será conveniente dar aos meninos uma alimentação um pouco mais estimulante, tal como os caldes de carnes frescas, as geleas de galinha, ou de pata de vitella, &c.

A bebida, que mais convém á infancia, é a agoa commum; o vinho é-lhe ordinariamente nocivo: no entanto, aos meninos de um temperamento linfatico, de uma constituição frouxa, e dispostos ás affecções escrofulozas, se os orgãos digestivos o permittirem, poder-se-há conceder uma pinga de vinho diluido com agoa, e adoçado com assucar.

Dissemos que as mãis deviam amamentar seus filhos, é esta a regra geral, no entanto casos ha em que isso não póde ter lugar: taes são, quando a mãe fôr doente, ou de uma organização muito fraca, &c. É então que deveis escolher uma ama ou criadeira, de idade de 20 até 35 annos, que tenha boa saude, e uma téz fresca e rozada, bellos dentes, e seios volumosos (com o leite, não com a gordura), e o bico do peito bem con-



formado. As amas de uma côr trigueira, convêm melhor aos meninos das cidades, do que as muito alvas, e de cabellos loiros.

O leite de uma ama para ser bom não deve ter cheiro, e ha de mostrar uma côr levemente azulada, e um sabor alguma cousa assucarado; lançado sobre uma superficie pulida, como uma unha, um vidro, e, inclinando ou voltando esta, o leite que é bom, fica adherente á mesma, em muito pequenas gottas: o leite será tanto mais espeço, e mais branco, quanto for mais antigo: melhor é que o leite da ama seja do mesmo tempo que o leite para quem é destinado, no entanto, se a ama apresentar todas as mais qualidades requeridas, embora seu leite seja antigo, não duvideis por isso o recebe-la.

A sobriedade e a temperança são qualidades essenciaes ás amas: alterai o menos possivel seu modo de viver, e seus costumes, uma vez que elles não sejam viciosos; temos visto algumas vezes criadeiras ou amas das aldêas, que estando habituadas a uma alimentação parca, e principalmente vegetal, ao trabalho e exercicio do campo, adoeceram na cidade só porque se lhe davam alimentos mais nutrientes, não faziam exercicio, e as submettiam a exigencias ridiculas, querendo sujeita-las aos costumes e vestidos da cidade.

Não tomeis nunca uma ama ou criadeira que seja menstruada desde o principio da criação, ou durante a maior parte do tempo; neste último caso, uma vez que ella seja robusta, e o infante se não ache mal, não haverá inconveniente em que o amamente. Quando ao contrario o infante appareça incommodado, pode-se durante tal época nutri-lo com leite de cabra, ou com as papas e mais alimentos que já indicámos. Dado porém o caso de que a ama seja fraca, e debilitada, é melhor tomar outra, ou desmamar o infante se elle tiver a idade propria. O leite de uma ama grávida não tem propriedade alguma nociva, mas torna-se cada vez mais soroso, e pobre em principios nutrientes. Não obstante, se tanto o infante como a ama continuarem a passar bem, póde consentir-se na lactação.

Na falta de ama ou criadeira, bem como

em outros casos, a lactação por meio de uma cabra, ou de uma jumenta, é preferivel á lactação artificial. O leite da jumenta é talvez mais conveniente, mas a cabra presta-se melhor a este officio, e habitua-se bem depressa a collocar-se por si mesma sobre o berço do infante. A cabra, que está no lugar de criadeira, merece cuidados particulares; é necessario, que tenha bom pasto, e não coma ervas nocivas, que vá todos os dias gozar o ar livre do campo, e que nunca se lhe deem pancadas ou outros máos tratamentos.

São muitas as circumstancias, que obrigam a interromper, ou tornam impropria, ou impossivel a lactação natural. Então dá-se ao infante o leite de jumenta, de vacca, ou de cabra; e se o infante é de pouco tempo, convêm misturar ao leite alguma agua. Para fazer tomar o leite aos infantes, em lugar de uma colher, ou de um pequeno bul, que elles quasi sempre rejeitam, será preferivel um pequeno vaso chato (que podereis trazer algum tempo no seio para dar ao leite o calor proprio), o qual deve ter uma abertura ou colo apertado, emitando o bico do peito, e nelle se collocará uma esponja fina, ou um panno de linho estendido, por onde o infante chupará o leite, como se fosse do peito da ama. Convirá tambem que o dito vaso tenha uma outra abertura ou respiradouro, que possa estar aberto no acto de o infante tirar o leite, a fim de que a entrada do ar facilite a sahida deste.

A quantidade de leite, que deste modo deve dar-se ao infante, varia segundo a idade e robustez deste; geralmente costuma ser nas 24 horas, de uma até duas libras nos primeiros tempos; de tres a quatro libras, para o infante de quatro mezes; e cinco até seis libras para o infante de seis mezes, que aliás deve tomar já alguns outros alimentos.

O termo ordinario da lactação é dos 12 aos 15 mezes: não obstante, um infante que tenha viate, ou viate e dois dentes, as carnes firmes, o rosto corado, os olhos claros e vivos, em uma palavra, o aspecto da saude e da força, póde e deve ser desmamado, ainda que esteja no nono ou decimo mez. O uso de amamentar as crianças até á idade



de dois ou tres annos é prejudicial a ellas, e ás amas. Não se deve nunca prohibir o leite ao infante, inteira e rapidamente, mas sim pouco a pouco, gradualmente, e substituindo-o por outros alimentos, até lhe dar só estes, e recusar então de todo o leite da ama.

(Continuar-se-ha).

A. F. de M. P.

*Verniz côr d'ouro que se applica sobre o latão, bronze, prata, e estanho.*

A receita desta composição ultimamente aperfeiçoada em França, dá ao bronze uma côr d'ouro tão perfeita, que parece verdadeiramente dourado.

T. de karabe ou succino . . . . . 3 onças.  
 — gomma laca em grãos . . . 3 »  
 — gomma gutta . . . . . 10 grãos.  
 — sangue de drago . . . . . 10 »  
 — alcool a 36 de Beaumé. 4 quart.<sup>os</sup>  
 — vidro pulverizado . . . . . 2 onças.

Pulverizados todos estes ingredientes, tome-se um vaso de vidro, que possa conter quatro tantos ou mais; tape-se-lhe a boca com um pergaminho molhado, bem atado de roda, e tendo-se-lhe feito no meio um furo com um alfinete, que alli se deixa ficar. Dispostas assim as couzas, põe-se o vaso em *banho-maria*, ou *d'arcia*, a fogo brando, tendo-se-lhe primeiro lançado o alcool, o vidro, e o succino; meche-se á medida que o liquido se vai aquecendo, até o succino se achar de todo diluido; deitam-se então os outros ingredientes, agitando o vaso de tempos a tempos, para effectuar a dissolução daquelles; concluida a qual, está feito o verniz, que se trasfega para outros vasos, até esfriar, e depois de tirado a limpo, ou coado por panno de linho, engarrafa-se.

Para o applicar deve a peça de cobre ser mui bem polida naquellas partes que devem ser brilhantes; não assim nas que se quer que fique o dourado rôfo: aquece-se ao depois de vagar, até o ponto de se lhe não poder pôr em cima a mão, esfrega-se então com um panno de linho lavado e fino, tendo o cuidado de não lhe tocar com a mão, por-

que o contrario lhe poria nodos: applica-se-lhe o verniz com um pincel largo, fino e macio.

Quando as peças por este modo inverniçadas se acham sujas com o tempo, podem lavar-se com agoa morna, e um panno de linho fino.

*Outro verniz côr d'ouro para madeiras metaes e couros.*

T. de rezina ou gomma laca em grãos . . . . . 125 partes em pezo.  
 — sandaraca . . . . . 125 »  
 — sangue de drago . . . 125 »  
 — curcuma . . . . . 16 »  
 — gomma-gutta . . . . . 2 »  
 — terebintina fina . . . . 64 »  
 — vidro em pó . . . . . 160 »  
 — Essencia de terebintina . . . . . 1000 »

*Outro semelhante somente com a copal.*

T. de essencia de terebintina espessada ao ar . . . . . 250 partes.  
 — copal em pó . . . . . 48 »

*Outro com a mesma gomma, mui solido e lustroso.*

T. de oleo volatil d'alfazema. 64 partes.  
 — copal em pó . . . . . 32 »  
 — essencia de terebintina 190 »

*Verniz preto para ferragés.*

Derreta-se separadamente quantidade sufficiente de betume da India, colophonia, e ambar amarello ou succino, e depois ajunte-se e misture-se quanto basta de oleo de linhaça e essencia de terebintina com alguns pós de sapatos.

A. F. de M. P.



## DOS ESTUQUES E MARMORES ARTIFICIAES (1).

(Annuaire da Sociedade Prem. da Ind. Nacional).

### SECÇÃO II.

#### Das côres empregadas para colorir os estuques.

Empregam-se para colorir os estuques e dar-lhes a apparencia do marmore, algumas terras coloridas ou as mesmas côres de que se faz uso na pintura a fresco. As argilas cozidas, os oxidos metallicos são excellentes por que fornecem tons de côr que seguram bem, e favorecem além disso a sessão da argamassa com que se misturam.

Para o vermelho e o amarello, pôde empregar-se o oxido vermelho e amarello de chumbo, e a óca queimada e calcinada.

A óca amarella mettida no lume e queimada em uma caixa de ferro, produz um amarello palido.

A óca escura, com a mesma preparação, torna-se amarella.

O vitriolo romano cozido no forno, a que commummente se dá o nome de vitriolo queimado, e moido no espirito de vinho, fornece igualmente um encarnado que sae muito bem. A sua côr approxima-se muito da que produz a laca.

Para o verde e o azul, pôde uzar-se do oxido ou carbonato de cobre, de pó d'esmalte verde, &c.

Para o negro, preferir-se-hão as escorias negras das forjas de ferro, das refinações dos metaes, ou das escorias de ferro das forjas dos ferradores.

Restam ainda outras côres de que não fallámos; porém, á vista do que fica dito, será facil escolher as que poderão dar os melhores resultados.

### SECÇÃO III.

#### COMPOSIÇÃO DAS ARGAMASSAS PROPRIAS PARA FORMAR O ESTUQUE.

##### ART. I. — Argamassa branca.

Tomae partes iguaes de cal extincta por meio da fusão (2) humida, e de pó de

marmore; moei perfeitamente sem juntar agoa. Se, em vez de marmore, se emprega pedra calcaria, a quantidade pôde variar, segundo que o pó é mais ou menos gordo ou absorvente. Não se deixará de moer senão quando a mistura estiver perfeitamente effectuada, de modo que a massa seja de certo modo identica.

2.º Tomae duas medidas e meia de marmore branco com outra de cal em pó, ou uma de pó de pedra, uma de pó de pedreira, e outra de cal, tudo misturado perfeitamente a secco, e amassado depois com agoa de cal. Esta argamassa reduzida, não a calda mas á consistencia de massa, deve ser pisada e amassada desde a vespóra do dia em que ha de ser empregada, e rebatida no dia seguinte, antes de a empregar.

##### ART. II. — Argamassa vermelha ou amarella.

Tomae medida e meia de cimento, e meia de terra vermelha ou amarella, ou então tomae uma medida de cal, e meia d'óca calcinada e queimada, ou de oxido vermelho ou amarello do chumbo. Fazei disto uma perfeita mistura, a secco; depois humedecei-a com a agoa de cal para a reduzir a massa.

##### ART. III. — Argamassa azul celeste.

Tomae duas medidas de pó de marmore ou de pedra branca, meia de oxido ou carbonato de cobre, moei e misturae depois.

##### ART. IV. — Argamassa verde.

Tomae tres medidas de pó de marmore ou de pedra branca, e uma de pó d'esmalte

tambem extincção ordinaria deve fazer-se em vasilhas impermeaveis; e basta só empregar a agoa necessaria para reduzir a cal a uma calda grossa. Ter-se-ha attenção em deitar logo d'uma vez a agoa sufficiente para não ser obrigado a accrescenta-la no momento da effervescencia, ou então esperar-se-ha que esfrie tambem se lhe juntar nova quantidade d'agoa. Deve proscrever-se, em todo o caso, o methodo seguido por alguns pedreiros que afogam a cal n'uma grande quantidade d'agoa, reduzem-a á consistencia leitosa, e a deitam tambem depois em fossos permeaveis, onde ella secca e perde parte de suas qualidades. Quando seja necessario conservar a cal depois de a ter vasado, cobrir-se-ha com terra ou areia.

(1) Continuação de pag. 135.

(2) A extincção por meio da fusão que se chama



verde; moei depois com uma pouca d'agoa de cal.

**ART. V. — Argamassa gris de perola.**

Tomae tres medidas de pó de marmore ou de pedra branca, e uma de escorias de forja ou de ferro; ou tomæ partes iguaes de cal, de cré, e de escorias, e misturæ tudo com uma pouca d'agoa de cal.

**ART. VI. — Argamassa escura.**

Tomæ uma medida de cal, e duas de escorias de forja ou de ferro, e de cimento ou cacos pizados. A proporção das substancias que entram nesta mistura pôde variar segundo o tom mais ou menos carregado que se quizer obter.

**ART. VII. — Argamassa negra.**

Tomæ duas medidas de escorias de forja, que contenham muitas parcelas de ferro, e uma de cal; misturæ tudo com a quantidade d'agoa necessaria para reduzir a massa, a qual se corta com a espatula ou com a colher do mesmo modo que o barro; batei-a fortemente em um gral de ferro ou de pedra, até que o pilão se lhe apegue a ponto de ser difficil tira-lo; o que só acontece depois de a haver fortemente amassado e batido por diferentes vezes. Se se preparou maior porção do que aquella que pôde ser empregada no dia, é necessario conservar branda a que ainda restar, batendo-a de tempos a tempos, sem lhe juntar agoa; se, todavia se tiver endurecido muito para se poder maniar, e que custe amolece-la, batendo-a, poder-se-ha juntar uma pouca d'agoa de cal, ou simplesmente molhar o pilão.

*N. B.* Esta observação pôde ser igualmente applicavel ás outras composições que indicamos.

**ART. VIII. — Argamassa de gesso.**

Quando para formar o estuque se emprega o gesso, desfaz-se este em agoa um pouco quente de colla de Flandres, ou de

peixe, e até de gomma arabica, para lhe tapar os poros, dar-lhe mais consistencia, e torna-lo mais susceptivel de ser polido como o marmore.

É ordinariamente esta qualidade d'estuque que se emprega para representar as paisagens, as flôres, e em geral os detalhes de uma extrema delicadeza.

Quando se tracta de colorir esta argamassa, desfaz-se a côr na agoa de colla que deve servir para desfazer o gesso.

Taes são com pouca differença as diversas composições que os estucadores empregam; porém facilmente se conceberá que se podem fazer variar em razão das circumstancias, e segundo os diversos matizes que se pretendem.

(Continuar-se-ha).

**AVENTURAS DE MISTRESS INGHEBALD.**

(Traducção).

**I.**

**A FUGA DA CASA PATERNAL.**

N'uma bella madrugada do mez de Fevereiro de 1772, uma joven abandonava furtivamente uma das melhores habitações da aldeia de *Staning-Field*, junto de *Bury-Saint-Edmund*, no Condado de *Suffolk*. Poucos e debéis raios do dia lutam apenas contra a frouxa claridade da lua; na aldeia tudo ainda jaz no somno. Que de receios não acompanham a joven! ella volve attentamente os olhos a todos os lados para se assegurar que por ninguém é seguida ou vista; e nas pontas dos pés com o collo estendido, e o ouvido á escuta, como se temesse acordar algum echo indiscreto, empenha-se em occultar uma pequena trouxa de roupa, que sustenta debaixo do braço. Tanto que ha transposto a ultima habitação da aldeia, corre com toda a velocidade de suas pernas; e na fantazia da profuga vai o receio de que as mesmas casas a perseguem e tentam alcançar.

Assoma ao cume d'uma collina, que por



aquella parte limita o horisonte da aldeia; pára, e aventura-se finalmente a volver o rosto, e olhar para traz. Com effeito, as casas não a tinham perseguido, e a distancia, que dellas já a separava, desassombrou-a. O sol começava a dourar o cume das montanhas com a aureola de seus primeiros raios. Os passaros despertavam nas arvores e nas sebes para saudar com suas canções alegres a aurora deste dia radiante, que a primavera ao inverno emprestára. Acolá, no fundo do valle, apparece a aldeia semi-escondida nos alvacentos vapores da manhã, como a criança que dorme envolta na faixa de linho. A fugitiva está triste, e medita. Esta aldeia, onde a necessidade de viver a tem feito julgar-se desgraçada, parece-lhe formosa pela primeira vez. Mil lembranças doces, e melancolicas lhe partem o coração. Todos os prazeres, todas as penas, todos os affectos, que haviam cunhado sua vida infantil, estavam ligados a este ponto da terra, que ella hia perder de vista talvez para sempre. Alli tinha ella nascido, alli tinha meditado, suas orações, e seus cantos dalli tinham partido: alli tinha ella muitas vezes chorado lagrimas sem uma causa definida: e não era alli tambem que ella devêra morrer?

O tronco d'uma arvore derribada, detraz de uma sebe, supprio desta vez muito bem uma cadeira; a joven assentou-se, e chorou amargamente. Ella pensava em seu pai encanecido, em cuja vida poderia sua fuga lançar um mortal pesadume; lembrava-lhe principalmente sua mãe, a quem tinha dito um dia, com uma dureza cruel, de que hoje se exprobrava:

« Mais quero morrer do que viver aqui! »

« Elles estão acordados, pensava ella; elles procuram-me, chamam por mim, e eu não lhe respondo! . . . Meu pai inclina a cabeça com uma tristeza resignada; minha mãe verte lagrimas, e óra . . . e eu não corro a lançar-me a seus pés! . . . eu não vô-o a abraça-los, e a dizer-lhes: aqui estou! percoi-me, estou arrependida, jámais vos desampararei! . . . Oh meu Deus! . . . então sou eu uma má filha? . . . »

A desgraçada rapariga discorria assim, quando um bando de pombos, que da aldeia

haviam levantado o vô-o, se veio pousar a poucos passos junto della. Um, que mais se adiantou, veio tocar-lhe as plantas, espicacando-se, e gemendo com os mais insinuantes arrulhos. A rapariga, admirada de sua familiaridade, olhou-o com attenção, e reconhecco um dos pombos de seu pai, aquelle, que ella amava com distincção, e que tinha habituado a vir-lhe comer na mão, quando ella se recreava em distribuir grãos aos hospedes do pombal. Tomou-o no seu regaço, acariciou-o, e beijou-o, misturando com estas caricias toda a sorte de palavras de affecto e saudade pelos bons pais que abandonava. Na melancolica disposição d'espírito em que ella se achava, este incidente, tão insignificante em si mesmo, tinha um sentido doloroso, e profundamente triste. Sua consciencia estava longe da tranquillidade: sabia que fazia mal em deixar a casa de seus pais sem o consentimento delles, e este passaro lhe parecia providencialmente enviado para a revocar aos seus deveres. Porém sua tristeza ainda augmenta, quando os pombos retomando vô-o para a aldeia, o seu predilecto fez esforços por desembaraçar-se, e voltar com os seus. Ella não quíz rete-lo á força, e restituiu-lhe a liberdade, depois de o ter beijado ainda uma ultima vez. O voador da-se preza em ganhar o tempo perdido, e fende os ares. A rapariga segue-o com os olhos, até que o vê confundir-se com os outros nas alturas do céu. Então pareceo-lhe que uma parte de sua alma acabava de voar com elle; reconhecco-se inteiramente só, e suas lagrimas correram com mais abundancia.

Agora devo dizer-vos o nome desta joven, que acabamos de vêr fugir, com o uma ré, da casa de seus pais. Chamava-se *miss Elisabeth Simpson*, e tinha nascido pelos principios de 1756, nesta aldeia de *Staning-Field*, a qual ella tinha ao mesmo tempo tão vehemente desejo, e tanta pena d'abandonar. Contava pois dezesseis annos na época em que começa esta narração.

Duas palavras mais a descrevermos sua figura.

*Miss Elisabeth Simpson* é uma rapariga encantadora: seus olhos negros contrastam



vivamente com suas madeixas louras; tem alvos e pequenos dentes, o rosto admiravelmente fresco, estatura bem proporcionada, garbosa e delicada, uma fisionomia intelligente e viva, onde a affabilidade se liga com a modestia, e com a nobreza.

Todas estas qualidades phisicas de *miss Simpson* eram contrabalançadas por uma enfermidade, que motivou os seus primeiros infortunios, e que decidio do seu destino: penalizada por um vicio de pronuncia, que tornava suas palavras quasi intelligíveis aquelles, que intimamente a não conheciam, procurou nos livros as distracções que os outros acham na conversação, para que ella era inhabil, e seu espirito contrahio, na leitura d'obras d'imaginação, um habito contemplativo, e visionario, que a familiarizou com as ideias as mais romanescas. *Miss Elisabeth Simpson* pertencia a uma familia de rendeiros ricos, que habitava na aldeia de *Staning-Field*; sua posição não tardou a parecer-lhe prosaica e fria: ella ignorava ainda que a unica felicidade verdadeira a que póde aspirar-se nesta vida, se esconde na simplicidade do espirito e do coração, no cumprimento regular de deveres os mais habituaes e modestos. Sua imaginação, exaltada por seductoras leituras, arrojava-se com impaciencia muito além dos pacificos horisontes da pequena aldeia que a vio nascer: ardia em desejos de conhecer e de saber, sem presentir que conhecer e saber é soffrer: ella quiz em fim vêr com seus proprios olhos um mundo, que jámais vira, senão em os seus sonhos de criança, e eis aqui porque *miss Elisabeth Simpson* fugio da casa paterna, com as precauções de um ladrão em flagrante, n'uma manhã do mez de Fevereiro de 1772.

Neste mundo, ha tanto tempo sonhado, Londres tinha sido sempre o alvo das esperanças mais ardentes da joven *miss*. Alli, pensava ella, era aguardada pela sciencia, fortuna, gloria, brilhantes divertimentos, corôas radiantes, cajos espinhos se tinha olvidado de contar.

Voltemos á nossa historia.

O pombo de *miss Elisabeth* apenas tinha desaparecido, quando passa a diligencia de

Londres. A joven despede com as pontas dos dedos um derradeiro adeos á sua aldeia, um derradeiro beijo a seus pais, enxuga rapidamente os olhos lacrimosos, e lança-se na carruagem com a sua pequena trouxa de roupa, e com todo o seu thesoure de douradas illusões.

(Continuar-se-ha).

P. C. F.

### LYRA.

À mãi formozza

O Deos de Gnido,

Entre suspiros,

Disse sentido.

« De que me servem

« Setas, carcaz,

« Virotos filtros

« Genio sagaz?

« De que me serve

« A tropa allada?

« E sobre o mundo

« Tamanha alçada?

« Um moço altivo,

« Guerreiro ousado

« As minhas armas

« Tem desprezado!

« Chama-se Alcino;

« Sua alma dura,

« Não a penetram

« Mimos, ternura!

« Se me transformo

« Em dama bella,

« Tomando o garbo,

« E a fórma della;

« Alcino ri-se

« Dos meus suspiros;

« Seu bronzeo peito

« Cospe meus tiros!



« Ultrajes tantos  
« Com dôr tolero,  
« E de vence-lo  
« Já desespere. »

Um doce beijo  
Venus lhe deu;  
E diz com graça  
Ao filho seu.

« Meu cupidinho  
« De queixas basta,  
« A desesperança  
« De ti afasta.

« Meio seguro  
« Eu vou lembrar-te,  
« Venceste Alcino,  
« Podes gabar-te.

« Marilia bella  
« Tem no alvo rosto  
« De dons divinos  
« Lindo composto.

« Vês Eufrozina  
« Bella, engraçada?  
« Pois é Marilia  
« Mais delicada.

« Ris-te menino?  
« Julgas te engano?  
« Mais vai dizer-te  
« Meu peito lhano.

« Para vingar-se  
« D'um trato ruim,  
« Jove formou-a  
« Superior a mim.

« Em todo o Olympo  
« Numes pasmaram;  
« Graça das Graças  
« A proclamaram.

« Eu despeitada,  
« Não soffro a injuria;  
« Vingança estudo,  
« Ardendo em furia.

« Á innocente  
« Marilia infante,  
« Do rosto apago  
« O mais prestante.

« Mas assim mesmo,  
« Ó meu cupido,  
« Não sou mais bella,  
« 'Sta convencido.

« Vai pois meu filho  
« Todo ternura,  
« E de Marilia  
« Toma a figura.

« Verás que Alcino  
« Suspira, arqueija,  
« Louco delira,  
« Mal que a veja. »

Nem mais espera  
O Deos allado:  
Prender, vencer  
É seu cuidado.

Da Mãi seguindo  
Prudente ensino,  
Finge Marilia;  
E busca Alcino.

Ornam-lhe os labios  
O riso e a gloria;  
Vence ao mancebo,  
Canta a victoria.

*J. do C. S. T.*

A desordem almoça com a abundancia,  
janta com a pobreza, ceia com a miseria,  
e adormece com a morte.

\*\*\*

Viver unicamente para si não é viver; é  
privar-se de tudo o que faz o encanto, e a  
felicidade desta vida.

*Bonnin.*



## Ephemerides da historia Portugueza.

Junho.	
1	1490 D. João 2. <sup>o</sup> manda queimar uma casa de jogo na praça da palha em Lisboa.
2	1630 Naufragio da não S. Gonçalo, em uma lalia no cabo de Boa Esperança.
3	1649 Morre em Madrid o celebre escriptor Manoel de Faria e Souza.
4	1663 Invenção do corpo de D. Lourenço Arcebispo de Braga.
5	1443 Morre captivo em Fez o Infante santo, D. Fernando filho de D. João 1. <sup>o</sup>
6	1548 Morre em Gôa o famoso D. João de Castro, Vice-Rei da India.
7	1569 Declara-se a peste em Lisboa.
8	1663 Os Portuguezes ganham sobre os Hespanhoes a batalha do Ameixial.
9	1707 Grande incendio na Igreja de S. Francisco de Lisboa.
10	1720 Erupção do vulcão da ilha do Pico, rebentando por 16 boccas.
11	1242 D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago toma aos mouros a cidade de Tavira.
12	1360 Nasce no lugar do Bom-Jardim, perto da villa da Certã o grande D. Nuno Alvares Pereira, depois Condestavel de Portugal.
13	1642 Celebra-se um tractado de paz e aliança entre Portugal e Inglaterra.
14	1449 Tormenta espantosa em Coimbra.
15	1500 Saem de Lisboa uma armada de 30 náos em soccorro de Veneza contra os turcos.
16	1550 Morre D. Pedro de Menezes junto a Tangere n'uma batalha, deixando sua morte bem vingada.
17	1665 Victoria de Montes-Claros, ganhada sobre os Castelhanos.
18	1514 Gloriosa batalha de Farrovo em Africa, ganhada pelos Portuguezes.
19	1589 D. Antonio Prior do Crato é aclamado Rei em Santarem.
20	1622 Os Hollandezes accommettem a cidade de Macão, e são repellidos com grande perda.
21	1122 Fundação do Mosteiro de Tarouca.
22	1483 Na noite que precedeo este dia e anno foi degolado D. Fernando Duque de Bragança.
23	1555 Incendio fatal em Gôa.
24	1158 D'Affonso Henriques conquista Alcacer do Sal aos mouros.
25	1140 Batalha de Valdevéz, em que D. Affonso Henriques derrotou ElRei de Leão.
26	1563 Terremoto horrivel na ilha de S. Miguel.
27	1379 Fundação do Collegio da Purificação na cidade d'Evora.
28	1571 Levanta o Nizamaluco o famoso cerco de Chaul.
29	1581 Philippe 2. <sup>o</sup> d'Hispanha entra em Lisboa como Rei de Portugal.
30	1545 Morre em Malaca, Tabarija Rei de Ternate deixando por successor de sua Corôa a ElRei de Portugal.

A. F. de M. P.

Commemoração. — 16 de Junho 1555. — D. Pedro Mascarenhas.

D. Pedro Mascarenhas, um dos grandes heroes deste nobilissimo appellido, foi filho de Fernão Mascarenhas, Capitão dos Ginetes, General das Galés, e Iribeiro-mór d'El-Rei D. João 3.<sup>o</sup> De menino serviu á Rainha D. Leonor mulher de D. João 2.<sup>o</sup>; e, ainda manêcho, passou á Africa na guerra contra

os mouros. ElRei D. Manoel o fez pouco depois General das Galés que então corriam a Costa, e guardavam o estreito: nellas acompanhou a Infanta D. Brites na jornada de Sa-boia. Achou-se na conquista de Tunes com o Infante D. Luiz. Foi por Embaixador de ElRei D. João 3.<sup>o</sup> ao Imperador Carlos 5.<sup>o</sup>,



e fazendo jornada por França, lhe mandou o Rei por um Gentil-homem de sua Camara, cinco mil dobras d'ouro, e não as aceitando, lhe disse o Gentil-homem: — *Senhor, não me atrevo a apparecer com ellas perante El-Rei meu Senhor*: ao que D. Pedro respondeu: — *Pois senhor tomai-as para vós*. Na embaixada de Alemanha se houve por tal maneira, que o Imperador lhe chegou a propor, que seria muito do seu agrado se elle quizesse ser Aio de seu filho o Principe D. Philippe; ao que D. Pedro respondeu com estas honradas palavras: — *Senhor, na minha terra não costumam mudar de amo os homens da minha qualidade*. El-Rei lhe encomendou depois segunda embaixada a Roma, a qual desempenhou com igual zelo. Não havia emprego grande, que El-Rei não fiasse de D. Pedro: fê-lo seu Estribeiro-mór, e Mordomo-mór do Principe D. João; e parecendo-lhe que o Estado da India necessitava de um homem tão grande, o nomeou Vice-Rei, e procurando elle escuzar-se por se achar com mais de setenta annos de idade, lhe disse o Principe D. Luiz: — *Desenganai-vos D. Pedro, que um de nós esta vez ha de hir á India, ou vós, ou eu, se vós não fores, irei eu*. Depois de resistir quanto pôde, sujeitou-se como fiel vassallo ás resoluções Regias. Foi felicissimo o seu governo, posto que breve: muito amante da justiça, prezava-se de repartir os premios com igualdade, sem attenção a respeito particulares. Mandou fazer rol de todos os officios, e empregos vagos, e fez pôr edital e lançar bando, para que todos os que tinham servido acodissem com seus papeis para serem despachados, como fez, sem dar cargo nem officio a algum criado seu. Requerendo-lhe certo soldado (de mais valias, que valor) que o despachasse, pois se achava com treze annos de serviço, lhe respondeu: — *Ando agora despachando os que tem vinte, e os que tem dezanne, como chegar aos de treze então me lembrarei de vós*. Visitando aos prezos, foi trazido perante elle um homem com um grilhão nos pés. Perguntou-lhe porque estava prezo com tanto rigor? respondeu este, que por dever a El-Rei certa quantia, mas que os Ministros da fazenda Real lhe não que-

riam descontar outra maio; que El-Rei lhe devia a elle, e querem que eu pague a El-Rei com ouro, pagando-me a mim com ferro. Inteirado o Vice-Rei de que o prezo fallava verdade, se voltou para o Viador da fazenda, dizendo: — *Aquelle grilhão, eu, e vós, é que o merecemos, pois somos officiaes d'El-Rei, e não queremos pagar as suas dividas*. — E logo mandou que se ajustasse a conta do prezo, descontando-lhe quanto El-Rei lhe devia. Por este modo se portava em todos os negocios sempre com grande prudencia e rectidão, e com igual descripção e aviso. Falleceu em Gôa no dia acima notado, anno de 1555: sendo tido e havido por valorozo Cavalleiro, prudente Capitão, bizarro Embaixador, singular Aio, justo Vice-Rei, e bom Christão. Foram seus ossos trasladados para o convento de S. Francisco da Villa de Alcacer do Sal, onde havia escolhido sepultura para si, e para os successores do morgado de Palma, que elle instituiu, e por sua morte passou a seu sobrinho, o famoso D. João Mascarenhas.

#### Honra ás mulheres.

(Jornal de Util. Publ.)

O cynismo vil e motejador é o genio da estupidez; é satanaz, armando sempre calumnias ao genero humano, para o attrahir a zombar da virtude, e a calca-la aos pés. Colliga todos os factos, que deshonram o altar, e dissimulando os factos oppostos, brada: — «O que é Deos? O que é isso de influencia benéfica do sacerdocio, e da instrucção religiosa? Quimeras de fanaticos!» — Compila todos os factos, que deshonram a politica, e clama: — «O que são as leis? o que a ordem civil? o que a honra? o que o patriotismo? Tudo é guerra de astutos, e fortes na parte que governa ou aspira, e imbecilidade naquella que obedece!» — Compila todos os factos que deshonram o celibato, o matrimonio, a paternidade, o estado filial, de parentesco e de amizade, e grita com infame tripudio: — «Tenho descoberto que tudo é egoismo, impostura, furor dos sentidos, desamor, e desprezo reciproco!»



Fructos desta infernal e mentirosa sabedoria são precisamente o egoismo, a imposição, o furor dos sentidos, o desamor, e o desprezo reciproco.

Como sempre o genio torpe da estupidez, que é o profanador de todas as cousas excellentes, não deixaria de ser inteiramente inimigo das virtudes da mulher, e avido de a aviltar?

Em todos os seculos se tem tractado de pinta-las; de não reconhecer nellas senão inveja, artificios, inconstancia, vaidade; de negar-lhes o fogo sagrado da amizade, e a incorruptibilidade do amor. Toda a mulher de algum apreço foi considerada excepção.

Mas as tendencias generosas da humanidade protegem a mulher. O christianismo realçou-a, evitando a polygamia, e os amores inhonestos, e sendo depois offerecido o homem Deos, como a primeira das creaturas humanas, superior a todos os santos, e aos mesmos anjos, por uma mulher!

A sociedade moderna sente o influxo deste espirito de nobreza. No meio da barbaridade foi a cavallaria embellezada pelo culto elegante do amor; e nós christãos civilizados, nós filhos da cavallaria não tenhamos por bem educado senão o homem que honra o sexo da mansidão, das virtudes domesticas, e das graças.

Todavia o antigo adversario dos nobres affectos, e da mulher, tem permanecido no mundo. E se tivesse por sequazes sómente entendimentos não polidos, os infimos engenhos! Mas deprava algumas vezes engenhos luminosos, e sempre vem esta depravação quando cessa a religião, unica santificadora do homem.

Viram-se philosophos (peço menos assim se chamavam) que em alguns paizes se mostravam ardentemente zelosos da humanidade, e em outros, invadidos da irreligião, dictavam escriptos obscenos, freneticos em excitar a embriaguez dos sentidos com poemas e romances reprehensiveis, com discursos, anedoctas e ficções de toda a especie.

Vio-se o mais fascinante dos litterattos, Voltaire (alma que deo alguns testemunhos de boa qualidade, mais corrompida por baixas paixões, e pela desenfreada vontade de

fazer rir) compor alegremente um longo poema em desprezo da honra feminiil, em desprezo da mais sublime heroína, que tinha tido a sua patria, da magnanima e infeliz Joanna d'Arc; Madame de Stael chama justamente áquelle livro um delicto de lezação.

De homens obscuros e celebres, de authores vivos e mortos, da propria imprudencia de algumas mulheres tornadas indignas do seu modesto sexo, de mil partes em summa te voltará em redor com frequencia aquelle genio da estupidez, que diz: — Despresa a mulher!

Rejeita a infame tentação, ou tu proprio, filho da mulher, serás desprezivel. Arreda os teus passos daquelles que não honram na mulher a sua propria mãe. Piza aos pés os livros que a vilipendeam, prégando a impudencia. Conserva-te digno pela tua nobre estima da dignidade feminiil, de proteger aquella que te deo a vida, de proteger tuas irmãs, e, talvez algum dia, uma creatura que adquirirá o sagrado titulo de mãe de teus filhos.

### *O passeio publico de Bragança.*

Eram seis horas e meia da tarde do Domingo 30 de Agosto: o dia, que de manhã tinha estado calmoso, amostrava-se agora mais temperado; delgadas nuvens quebravam e refrangiam a espaços os raios luminosos do rei dos planetas, e uma fresca briza do nordeste modificava o ar, e nos bafejava agradavelmente o rosto, e deleitava o olfacto com o delieioso perfume das flôres, que povoam o jardim desta cidade, no qual então nos achavamos.

A banda de musica de Caçadores 3, collocada debaixo de um earamanchão, principiou a tocar o hymno Nacional, depois o da Rainha, logo após o de D. Pedro. — Houve então um pequeno intervallo, depois do qual, a musica executou primorosamente varios pedaços da agradável peça — a Favorita: seguiu-se o Ernani; e findou com uma Walsa. Nós, para evitarmos aquella rispidez, que se nota nos instrumentos das musicas marciaes



ouvidos ao perto, e que muito nos desagradava, para fugir ao *tum-tum* do bombo, ao *trran-trran* da caixa de rufo, e ao *tim-tim* dos ferrinhos, e campainhas, nos havíamos retirado para o outro caramanchão, que ficava fronteiro e um pouco distante; sentamo-nos ali, e achamo-nos sós. O bulício da multidão, que se agitava em volta da musica, esta, que, ouvida daquella distancia, produzia sobre nós com as suas harmonias um effeito magico e quasi magnetico, e a contracção de nossas fauldades, então absortas e fixadas naquelle pequeno recinto, tudo... tudo por um momento nos chegou quasi a persuadir, que estavamos em alguma das nossas Capitães, Lisboa ou Porto: em breve porém se desvanecio a illusão, e a realidade se nos apresentou tanto mais cruel, quanto era tão grande... grande!... immensa... a distancia que havia entre estas.

A musica parou; e nós, deixando aquelle lugar, entramos no turbilhão geral: a concurrencia era assás grande; mas nem uma unica senhora! aqui a nossa anterior illusão acabou de nos deixar inteiramente. No Porto e em Lisboa as damas, e até as pessoas Reaes frequentam os passeios e jardins publicos, homens e senhoras todos sabem, que o passeio é util e necessario á saude do corpo e do espirito, todos gostam de hir gozar as amenidades do campo, a vista das arvores e arbustos, a frescura da vegetação, e o perfume e belleza das flôres; e procuram em tudo isto, e na mutua convivencia e conversação das pessoas conhecidas a distracção e o recreio. Em Bragança porém, onde não ha theatros, nem bailes, onde os divertimentos escaceam, as damas parece desconhecem aquellas conveniencias, parece ignorarem, que o lugar mais proprio para as flôres é n'um jardim, e que *umas* não ficam mal, antes mais brilham, ao pé das outras; parece que temem ser vistas de dia, e por isso sómente á noite, como aves nocturnas, sahem a passear, ou a divertirem-se nas casas particulares: nós que podemos ser juizes em semelhante materia, e que temos presenciado o apurado gosto com que ellas se vestem, e a educação e belleza de muitas, podemos assegurar-lhes, que são tão dignas

de apparecer em publico, como as da Capital. E se uma mal entendida rigidez de costumes e de educação as retém em casa contra sua vontade, perguntaremos aos chefes de familia, aonde se deverá reear mais que a innocencia, a honestidade, e a honra possam ser atacadas, no passeio publico, de dia, á vista de Deos e de todo o mundo; ou de noite, ás escuras, passeando-se pelas ruas e arredores da cidade? ou ainda mesmo nas casas particulares aonde se rendem mil adulações, e se conversa á vontade? Finalmente além de tudo isto, é summamente egoista, anti-social, e irreligioso, o querer occultar as maravilhas e bellezas que o Creador fez com a sua mão omnipotente, para manifestação do seu poder e da sua gloria.

Deixando porém esta digressão voltemo-nos ao nosso passeio.

O jardim publico de Bragança (nós também... nós também temos os nossos deozes) é um espaço quadrado não muito grande, murado em volta, e constando de duas varzeas em diferentes planos; a superior occupada por varios feitiços bordados, e arranjados com buxo, flôres e arbustos, a inferior tendo dois caramanchões cobertos de verdura, e diversas arvores ainda pequenas, umas naturaes daqui, outras trazidas da serra de Geréz, e de outras partes, as *simbolicas acacias*, as engraçadas *lamagueiras*, o pomposo *loureiro regio*, &c. Pelo cimo do jardim corre em volta da muralha e quartéis um passeio bordado de *alamos*, o qual vai communicar com a alameda de S. Sebastião, que fica a distancia de 200 passos pouco mais ou menos.

Deve Bragança a existencia deste jardim aos cuidados do Commandante que foi de Caçadores 3, Antonio Silvestre de Sousa: apraz-nos significar-lhe aqui esta lembrança de gratidão.

Parece-nos que o jardim está hoje merecendo menos cuidados: não só se não fazem as obras que ainda precisa, mas até a cultura não é tão esmerada. Seria uma pena, seria uma vergonha, que hoje se deixasse arruinar e perecer este estabelecimento. Quando elle se torne oneroso ao Batalhão de Caçadores 3, a cargo de quem



está, deverá este entrega-lo á Camara Municipal, como obra que é publica, e para a qual muitos habitantes da cidade concorreram com duas subscrições; a Camara não deve recuar o gastar alguns fundos na conservação do mesmo, todos approvarão e bem-dirão essa despeza.

Tambem não deve a Camara desirtir da tenção que ouvimos dizer que tinha de trazer mais agoa, e compor o chafariz do Loreto: e nós lembramos-lhe, que seria tambem util e pouco dispendioso, o repovoar d'arvores alguns espaços que estão sem ellas nas alamedas de S. Sebastião e do Loreto, e mesmo o acabar este ultimo passeio: mas sobre tudo, o insistir para com o Governo a fim de que este lhe conceda o barracão das Eiras, no qual está projectada a construcção da casa da Camara e audiencias judiciaes, theatro, e mercado de cereaes; é esta a grande obra, que ha de immortalisar a Camara que a fizer, e merecer-lhe as benções dos seus concidadãos.

*Um amigo das damas, e do aformozamento do municipio Bragantino.*

### Ressurreições.

Segundo uma estatística official, o numero de pessoas que no momento de hirem ser enterradas deveram a sua salvação a circumstancias particulares, monta em França a 94, desde o anno de 1833 até hoje. Destas, 35 sahiram do lethargo em que estavam no momento em que começava a cerimonia dos funeraes; 13 tornoram a si pela excitação dos cuidados que lhes prodigalisou a sua familia; 7 pela queda violenta do ataude onde hiam encerradas; 9 deveram a sua resurreição ás picadas dos alfinetes com que levavam pregada a mortalha; 5 ás suffocações que soffreram no ataude; e 19 á demora casual do enterro.

### Bibliographia Religiosa.

Recebemos das respectivas Redacções o *JORNAL DA SOCIEDADE CATHOLICA e o BE-*

*LIGIOZO*: são dois periodicos que se publicam em Lisboa, asás bem escriptos, muito interessantes pela sua doutrina, e cuja leitura recommendamos a todo o homem, e com particularidade aos Srs. Parochos e Ecclesiasticos deste Districto.

### Synopse da Legislação do primeiro semestre de 1846.

Lei de 7 d'Abril, fixando a contribuição directa de repartição, para o anno de 1846 a 1847. — *Diario do Governo de 11 d'Abril.*

Portaria, em que se declara que as contas do cumprimento dos legados pios, tomadas aos testamenteiros, e aos administradores dos vinculos, morgados, e capellas, não são sujeitas á approvação do Conselho de Districto. — *Diario do Governo de 20 d'Abril.*

Lei de 20 d'Abril, sobre suspensão de garantias. — *Diario do Governo de 21 d'Abril.*

Lei de 21 d'Abril, sobre Conselhos de Guerra. — *Diario do Governo de 22 d'Abril.*

Dita, fixando a força do Exercito para o anno de 1846 a 1847. — *Diario do Governo de 25 d'Abril.*

Decreto de 3 d'Abril, transferindo para diversa frequência uma escola de insrueção primaria.

Carta de Lei, com a dotação da Junta do Credito Publico. — *Diario do Governo de 27 d'Abril.*

Decreto de 23 de Março, que suspende a execução da Portaria da Camara Municipal do Porto, que prohibe as fabricas de velas de sebo no interior da cidade.

Portaria de 25 d'Abril, em que se declara, que as Camaras Municipaes não são isentas do pagamento de custas pelo processo e feitura dos tombos de seus bens. — *Diario do Governo de 23 d'Abril.*

Carta de Lei de 2 de Maio, fixando a força de mar para o seguinte anno económico. — *Diario do Governo de 5 de Maio.*

Decreto de 21 de Maio, pelo qual ficaram suspensas todas as disposições do Decreto de 26 de Novembro de 1845, que reorganizara a Repartição de Saude Publica, e fazendo vigorar as disposições da Legislação anterior ao Decreto de 13 de Setembro de 1844, e nomeadamente o de 3 de Janeiro de 1837.

Decreto da mesma data, dando por finda a Sessão Ordinaria das Côrtes do corrente anno. — *Diario do Governo de 23 de Maio.*

Decreto de 23 de Maio, pelo qual foi dissolvida a Camara dos Deputados.

Decreto de 23 de Maio, em que se concedeo moratória ao Banco de Lisboa por tempo de tres mezes, ordenando-se que as suas notas tenham curso forçado, e outras providencias a este respeito.

Portaria de 22 de Maio, em que se declaram exonerados os Commissarios extraordinarios e Commissarios de contribuições. — *Diario do Governo de 25 de Maio.*

Decreto de 29 de Maio, revogando o de 1.º d'Agosto de 1844 sobre transferencias de Juizes de 1.ª e 2.ª Instancia.

Decreto de 29 de Maio, authorizando os Governadores Civis para dissolverem qualquer Corpo Administrativo eleito, substituindo-os provisoriamente por Comissões temporarias de sua nomeação, em quanto se não poder proceder á sua eleição.